

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal e o Sindicatos : A Fábrica como Trincheira

Publicado em 2026-05-02 11:39:03



BOX DE FACTOS

- Durante o Estado Novo, os sindicatos livres foram proibidos ou subordinados ao sistema corporativo do regime.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- O nascimento do sindicalismo democrático ocorreu, porém, dentro do ambiente explosivo do PREC.
- A Intersindical, depois CGTP-IN, consolidou-se como força sindical dominante, com forte influência histórica do PCP.
- A discussão sobre a unicidade sindical foi uma das grandes batalhas políticas do período revolucionário.
- A UGT nasceu em 1978 como resposta ao predomínio da CGTP e ao modelo de sindicalismo unitário defendido pelo PCP.
- Empresas como Lisnave, Setenave, Sorefame e CP foram palco de forte conflitualidade laboral e política.
- A crise industrial portuguesa não pode ser atribuída apenas aos sindicatos, mas a radicalização laboral e a instrumentalização política contribuíram para instabilidade produtiva.
- A grande questão histórica permanece: Portugal teve sindicatos livres, mas terá tido sindicatos



A Fábrica como Trincheira

Sem sindicatos livres, não há democracia laboral. Mas sem sindicatos responsáveis, também não há indústria forte.

Há verdades que Portugal guarda no sótão, embrulhadas em jornais antigos, com medo de as abrir e descobrir que ainda cheiram a pólvora ideológica.

Uma delas é esta: o sindicalismo livre foi uma conquista democrática indispensável, mas em Portugal nasceu, depois do 25 de Abril, dentro de uma guerra política tão intensa que muitas vezes deixou de ser apenas defesa dos trabalhadores para se tornar instrumento de combate partidário.

Dizer isto não é atacar os sindicatos. Pelo contrário. É respeitá-los o suficiente para os não transformar em santos de altar nem em demónios de cartaz.

Durante o Estado Novo, não havia sindicalismo livre no sentido democrático da palavra. O regime corporativo controlava a representação laboral e subordinava trabalhadores e empregadores a uma arquitectura

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Por isso, depois de 25 de Abril de 1974, era inevitável — e justo — que os trabalhadores quisessem voz, organização, greve, contratação colectiva e dignidade. Um país que durante décadas calou as fábricas não podia esperar que elas falassem em surdina quando a porta se abriu.

O problema é que a porta não se abriu para uma democracia serena. Abriu-se para o PREC.

E o PREC não foi uma reunião de condomínio. Foi uma tempestade.

Do silêncio corporativo à tempestade revolucionária

A Intersindical, embrião da futura CGTP-IN, emergiu ainda no final do marcelismo e consolidou-se rapidamente depois da Revolução. Em poucos meses, o sindicalismo passou de campo vigiado pelo regime para centro de poder social, mobilização política e disputa ideológica.

A questão da unicidade sindical foi uma das grandes batalhas do período revolucionário. De um lado, a defesa de uma central sindical unitária, fortemente apoiada pelo PCP. Do outro, a defesa do pluralismo sindical, sustentada por

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ser apenas uma questão de direitos laborais. Tornou-se campo de batalha entre modelos de sociedade, entre projectos de poder, entre democracia plural e ambição revolucionária.

A UGT nasceria em 1978, precisamente como resposta ao predomínio da CGTP-IN e ao modelo de sindicalismo unitário. A sua criação confirmou aquilo que o país tantas vezes fingiu não ver: o sindicalismo português do pós-25 de Abril foi também uma extensão da luta política entre partidos, correntes ideológicas e visões incompatíveis de economia e sociedade.

E aqui começa a nossa tragédia.

Portugal precisava de sindicatos livres. Mas recebeu também sindicatos transformados, em muitos sectores, em trincheiras políticas.

A CGTP, o PCP e a luta como estratégia permanente

A CGTP pode — e deve — reivindicar conquistas reais: direitos laborais, contratação colectiva, aumentos salariais, liberdade sindical, oposição à precariedade e resistência a abusos patronais. Nada disto deve ser apagado da história.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

histórica.

A própria cultura política do PCP sempre valorizou a organização nos locais de trabalho, a mobilização sindical, a luta de massas e a capacidade de transformar conflitos laborais em instrumentos de pressão política geral. Essa estratégia deu força ao partido e à central sindical. Mas também contaminou, em muitos momentos, a fronteira entre defesa efectiva dos trabalhadores e combate político permanente.

A pergunta que Portugal evita é simples, mas incómoda:

Quantas vezes a luta sindical serviu melhor a estratégia política do que a sustentabilidade das empresas, dos sectores produtivos e, no fim, dos próprios empregos?

Nos anos que se seguiram ao 25 de Abril, a conflitualidade social explodiu. A liberdade recém-conquistada misturou-se com salários comprimidos durante décadas, saneamentos políticos, ocupações, nacionalizações, comissões de trabalhadores, greves, plenários permanentes e a crença de que a fábrica era também palco revolucionário.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Não foram só os sindicatos que afundaram a indústria

Convém sermos justos: não foram só os sindicatos que afundaram a indústria portuguesa.

Isso seria uma simplificação grosseira. Houve choque petrolífero, crise internacional, fim do império, regresso de centenas de milhares de portugueses das ex-colónias, nacionalizações, fuga de capitais, má gestão pública e privada, descapitalização, inflação, queda de mercados externos, entrada na CEE, concorrência internacional e uma elite económica muitas vezes incapaz de transformar indústria protegida em indústria competitiva.

A recessão de 1973-1978 juntou vários incêndios no mesmo edifício: crise energética, instabilidade política, desequilíbrios externos, ruptura imperial, nacionalizações e deterioração das contas públicas. Portugal não entrou no pós-25 de Abril com uma indústria sólida, moderna e preparada para a concorrência global. Entrou com muitos sectores frágeis, dependentes do Estado, protegidos, pouco capitalizados e expostos a choques externos severos.

Mas também seria falso fingir que a conflitualidade laboral radicalizada não teve impacto.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

serviços públicos e em sectores nacionalizados, a luta sindical foi muitas vezes mais do que negociação laboral. Foi combate ideológico permanente.

A fábrica deixou de ser apenas local de produção; tornou-se assembleia, comício, barricada simbólica, laboratório revolucionário. E uma fábrica pode sobreviver a greves justas. Mas dificilmente sobrevive quando passa a viver em estado de guerra política permanente.

Lisnave, Setenave, Sorefame: nomes de uma indústria perdida

Os estaleiros navais são exemplo claro. A Lisnave e a Setenave foram grandes concentrações operárias, centros de saber técnico e palco de intensas lutas laborais antes e depois do 25 de Abril. Cresceram num ambiente internacional favorável, mas foram duramente atingidas pela crise mundial da construção e reparação naval, pela concorrência externa e por processos de reestruturação mal digeridos.

Mas a conflitualidade também pesou. A instabilidade permanente, os conflitos ideológicos, as greves sucessivas e a dificuldade em adaptar empresas pesadas a um mercado internacional em mudança tornaram a recuperação mais difícil.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ferroviárias e conhecimento industrial. Era Portugal a fabricar, soldar, projectar, montar e exportar engenharia.

Depois veio a lenta dissolução: crise sectorial, dificuldades financeiras, reestruturações, integração em grupos internacionais, perda de autonomia industrial e desaparecimento progressivo de uma capacidade produtiva que o país nunca devia ter deixado definhar.

A Sorefame não morreu apenas por causa dos sindicatos. A Lisnave não caiu apenas por causa das greves. A Setenave não se desfez apenas por causa da política. Mas o clima de instabilidade, radicalização e conflito permanente ajudou a tornar mais difícil a modernização, a gestão, o investimento e a adaptação.

Essa é a verdade que custa dizer: a indústria portuguesa foi vítima de muitas doenças ao mesmo tempo. E uma delas foi a transformação da fábrica em trincheira.

Quando a luta substitui a produção

Há uma diferença entre defender trabalhadores e transformar trabalhadores em infantaria de partido.

Há uma diferença entre greve necessária e greve ritual.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

tratar qualquer reorganização produtiva como conspiração capitalista.

E há, sobretudo, uma diferença entre salvar empregos e salvar palavras de ordem.

A grande ironia é que muitos dos sectores onde a luta foi mais intensa acabaram por desaparecer, encolher ou ser privatizados. As palavras venceram assembleias. Mas perderam fábricas. Os comunicados foram inflamados. Mas as linhas de produção calaram-se. O discurso manteve a pureza. Mas os trabalhadores ficaram sem futuro.

Não foi só culpa dos sindicatos. Seria historicamente injusto dizê-lo. Mas também não foi apesar deles. Seria intelectualmente covarde negá-lo.

Portugal saiu da ditadura com uma sede legítima de justiça social. Mas confundiu muitas vezes justiça social com guerra ideológica. Confundiu democracia económica com tomada de posição permanente. Confundiu dignidade laboral com confronto sem estratégia. Confundiu poder dos trabalhadores com poder de aparelhos políticos instalados dentro do mundo laboral.

E pagámos caro.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

fabricava, reparava, soldava, montava, desenhava e exportava, num país cada vez mais habituado a importar, intermediar, servir, alojar turistas e preencher formulários de fundos europeus.

O sindicalismo que Portugal precisava

A pergunta difícil é esta: que sindicalismo teria Portugal precisado depois do 25 de Abril?

Precisava de um sindicalismo livre, sim.

Precisava de um sindicalismo combativo, sim.

Precisava de sindicatos capazes de defender salários, segurança, horários, dignidade, contratação colectiva e liberdade no local de trabalho.

Mas precisava também de um sindicalismo inteligente, patriótico no melhor sentido da palavra, comprometido com a produtividade, a modernização tecnológica, a viabilidade das empresas, a qualificação dos trabalhadores e a criação de riqueza.

Precisava de sindicatos que dissessem ao patronato: “não aceitamos exploração”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Precisava de sindicatos capazes de negociar duro, mas de perceber que não há direitos laborais sustentáveis em empresas mortas.

O modelo alemão, tantas vezes citado quando convém, não se fez só com sindicatos fortes. Fez-se com sindicatos fortes, empresas fortes, negociação institucional madura, formação técnica, co-determinação, indústria sofisticada e uma cultura de produtividade partilhada.

Em Portugal, demasiadas vezes, ficámos com a palavra “luta” e esquecemos a palavra “produção”.

A velha ressaca do PREC

Cinquenta anos depois, continuamos presos ao mesmo fantasma.

De um lado, uma direita que usa a produtividade como pretexto para fragilizar direitos. Do outro, uma esquerda sindical que muitas vezes continua a falar como se a economia fosse uma barricada dos anos 70, onde basta gritar contra o capital para criar riqueza.

Pelo meio, o país real: baixos salários, baixa produtividade, Estado pesado, empresas frágeis, jovens

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

conquista de direitos. Mas uma parte significativa desse sindicalismo — sobretudo o universo historicamente ligado à CGTP e à matriz política do PCP — carregou durante décadas uma visão de luta que, em demasiados momentos, confundiu defesa dos trabalhadores com combate político permanente.

E quando a fábrica se transforma em trincheira, o primeiro derrotado é quase sempre o trabalhador.

Porque o partido muda de palavra de ordem.

O dirigente muda de plenário.

O ministro muda de pasta.

O empresário muda de negócio.

Mas o trabalhador fica ali, à porta da fábrica encerrada, com a marmita vazia e a memória cheia de discursos.

Epílogo — A pergunta que não cabe num cartaz

Portugal precisa de revisitar esta história sem medo. Não para regressar ao Estado Novo. Não para atacar direitos laborais. Não para insultar quem lutou honestamente por melhores salários. Mas para compreender que a democracia

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

fortes. Devem defender os trabalhadores.

Mas também devem responder a uma pergunta que raramente lhes é feita:

Quantas fábricas ajudaram a salvar, e quantas ajudaram apenas a transformar em palco de combate político?

Essa pergunta não cabe num cartaz.

Mas cabe na história.

Sem sindicatos livres, não há democracia laboral. Mas sem sindicatos responsáveis, também não há indústria forte.

Nota final — A democracia não vive de trincheiras

Esta crónica não pretende negar a importância histórica dos sindicatos livres. Pelo contrário: numa

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Mas Portugal precisa também de coragem para reconhecer que parte do sindicalismo do pós-25 de Abril foi usado como braço de combate político. A CGTP teve e tem legitimidade sindical; mas a sua ligação histórica à estratégia do PCP marcou profundamente a cultura laboral portuguesa, transformando muitas empresas em trincheiras ideológicas.

O resultado não foi apenas conquista de direitos. Foi também conflitualidade permanente, instabilidade produtiva e, em alguns sectores, incapacidade de construir compromissos maduros entre trabalho, capital, tecnologia e futuro.

A democracia laboral precisa de sindicatos fortes. Mas uma economia produtiva precisa de sindicatos responsáveis, empresas competentes e um Estado que não confunda justiça social com guerra ideológica permanente.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

• International Sociological Association — Labor

Relations and Social Dialogue in Portugal:

<https://globaldialogue.isa-sociology.org/articles/labor-relations-and-social-dialogue-in-portugal>

• Simon Fraser University — *Union Memory: Portugal:*

<https://www.sfu.ca/union-memory/about/countries/Portugal.html>

• RTP — Memórias da Revolução: Unicidade Sindical:

<https://media.rtp.pt/memoriasdarevolucao/acontecimento/unicidade-sindical/>

• CGTP-IN — História da CGTP-IN:

<https://www.cgtp.pt/acgtp/historia/historia.html>

• PCP — Documentos sobre movimento operário e sindical:

<https://www.pcp.pt/en/xxi-congress/working-class-and-trade-union-movement>

• Fundação Francisco Manuel dos Santos — *Recession of 1973-1978:*

<https://ffms.pt/sites/default/files/2023-07/6.%20Recession%20of%201973-1978.pdf>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Fundação Calouste Gulbenkian — Arquivo fotográfico e histórico da Sorefame:

<https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/en/collections/galerias-e-exposicoes/photos-with-history/sorefame/>

- Banco Mundial — Relatório com referências à Sorefame e à reestruturação industrial portuguesa:

<https://documents1.worldbank.org/curated/en/368191468915285317/pdf/multiopage.pdf>

Crónica de Francisco Gonçalves

Com co-autoria editorial de **Augustus Veritas**, para o projecto Fragmentos do Caos.

Uma reflexão crítica sobre sindicalismo, PREC, CGTP, PCP, indústria portuguesa e a difícil relação entre direitos laborais, produtividade e futuro económico.

Nota editorial — Sindicatos livres não são trincheiras permanentes

Portugal nunca conseguiu perceber plenamente a diferença entre sindicatos livres, força negocial

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Estado Novo, era indispensável que os trabalhadores conquistassem o direito à organização livre, à greve, à contratação colectiva e à defesa da sua dignidade. Esse foi um avanço democrático real, necessário e civilizacional.

Mas o país deixou arrastar até hoje uma confusão perigosa: a ideia de que toda a acção sindical, por ser feita em nome dos trabalhadores, está automaticamente acima da crítica histórica, económica e política. Não está. Sindicatos livres são essenciais numa democracia; sindicatos transformados em braço táctico de partidos ou em máquinas de conflito permanente podem acabar por prejudicar os próprios trabalhadores que dizem defender.

A força negocial dos trabalhadores deve servir melhores salários, melhores condições, segurança, dignidade e participação responsável no futuro das empresas. Não deve servir a eternização de guerras ideológicas herdadas do PREC, nem a transformação de cada local de trabalho numa barricada simbólica contra a modernização produtiva.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

*atravessou décadas e ajudou a empobrecer a
relação entre trabalho, empresa e futuro.*

- Francisco Gonçalves (2026)



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)



[Ebooks](#)



[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)